

## ESTÉTICA JUVENIL, CULTURA TECNOLÓGICA E ESTILOS DE VIDA

Vinicius Silva Santos  
Universidade Federal de Sergipe  
Programa de Pós-graduação em Educação  
vinnymil@yahoo.com.br

Antônio Vital Menezes de Souza  
Universidade Federal de Sergipe – UFS  
Departamento de Educação de Itabaiana  
a.vmsouza@yahoo.com.br

### 1 INTRODUÇÃO

Os estudos que aproximam a produção cultural do homem com o campo da estética tiveram seus primeiros escritos oriundos na Grécia Antiga. A palavra estética de origem grega *aisthēsis* busca entender o fenômeno da percepção do homem e as sensações que são geradas no seu cotidiano com as coisas, lugares, objetos e pessoas. Nesse sentido, na tradição histórica desse conceito destaca-se o culto à beleza e à diversidade dos sentimentos e emoções, resultado da unidade entre (belo, bom, verdadeiro). Além disso, sua base conceitual também assume características da metafísica da beleza, como sendo aquilo que pode revelar a manifestação sensível das idéias de beleza e bondade. Sendo assim, os estudos estéticos tinham na sua construção uma relação muito forte com os valores morais que eram ensinados na pólis. Daí surge a idéia do homem belo e bom - *kalos* - *kagatos*, o indivíduo que carrega consigo o equilíbrio e harmonia. Até o século XVIII os estudos sobre a estética estavam ligados a produção filosófica. Sua autonomia enquanto ciência foi se construindo à medida que sua produção foi se destacando dos princípios da metafísica, da lógica e da estética filosófica.

Um fator decisivo para compreendermos as relações que são construídas esteticamente entre os grupos sociais contemporâneos é a mudança territorial que passou a sociedade com o advento da revolução industrial. O crescimento desordenado do setor industrial e os grandes avanços das tecnologias potencializaram o surgimento e crescimento exponencial de vários centros urbanos, fazendo emergir novas formas de relações sociais, agora, não mais crivadas pelo individualismo exacerbado, pelo isolamento afetivo e espacial dos grupos sociais urbanos. A cidade passa a se organizar esteticamente

como monumentos povoados, complexos demográficos onde são gerenciadas atividades financeiras, industriais, históricas e culturais, um ambiente formidável para encontro de distintas formas de expressões. Atualmente, a cidade é um meio de linguagem estético urbano e polissêmico, mais que uma junção de pessoas que convivem fisicamente, ela expressa a força extensiva e a necessidade do homem em se construir meio aos laços temporários de comunicação, organização e interação.

Atualmente, estamos presenciando a difusão da chamada sociedade da informação e da comunicação, uma cultura influenciada diretamente pelos *agenciamentos tecnológicos*<sup>1</sup> da cultura digital. A formação cultural contemporânea é demarcada pela presença dos instrumentos técnicos, pela quebra de espaços e territórios reais cada vez mais influenciados por intermédio da telepresença humana em espaços virtuais de interação, caracterizados estaticamente como sendo espaços inéditos, provisórios que aglomeram uma quantidade expressiva de indivíduos em teias coletivas de interação socioculturais. Trata-se da formação de sistemas interativos humanos, baseados na auto-organização e no autogerenciamento de práticas sociais, ou seja, os atores sociais contemporâneos por intermédio dos agenciamentos complexos entre microcondutas individuais e coletivos vão se constituído pela conectividade dos instrumentos sociotécnicos em verdadeiros aglomerados urbanos, nas quais “cidades com vitalidade têm maravilhosas e inatas habilidades para compreender, comunicar, arquitetar e inventar o que for preciso para combater as dificuldades. (JOHNSON, 2003; p. 38).

Nesse sentido, não podemos perder de vista as grandes modificações que sofrem as experiências sociais através dos intensivos investimentos tecnológicos ocorridos nos últimos anos. A camada social, os processo de apropriação, vivencia, experiências sociointerativas são mediadas por fluxos esponjosos de informação que alteram os estados de ser e habitar, ocasionando na vida cidadina modificações pontuais, quer seja na abertura de lugares outros de socialização dos desejos, medos, vontades ou na projeção de tempos históricos diferentes, crivados pelas organizações grupais dinâmicas e vertiginosamente radicais, crivadas por desejos estéticos incomuns, “estranhos”. Por isso, pode-se afirmar

---

<sup>1</sup> Definimos *agenciamento tecnológico* como a operação de forças sobre o cruzamento de vários vetores de subjetivação cuja natureza é delineada pela ação produzida através de afecções. Nesse sentido, o *agenciamento* é composto por forças visíveis e invisíveis que se tece numa determinada circunstância provocando provisoriedade nos modos de existência e/ou estilos de vida.

que a era da informação está introduzindo novas formas de vida urbana. São vários fluxos de redes informacionais que se entrecruzam e vão alterando minuciosamente os modos de estudar, trabalhar, se comunicar, utilizar as práticas de lazer, inclusive provocando mudanças na intimidade do seres humanos. Esse processo de mudança afeta os conceitos prévios enraizados numa sociedade baseada no pensamento racional, fazendo surgir a necessidade de pensarmos novos tipos estéticos, pouco observados, aos movimentos menores ceifados dos estudos e pesquisas das ciências humanas e sociais que se apresentam como constructos estéticos novos, cambiantes e atuais. Defenderemos que, por causa da natureza de nova sociedade baseada em conhecimento, organizada em torno de redes a parcialmente formada de fluxos, a cidade informacional não é uma forma, mas um processo, um processo caracterizado pelo predomínio estrutural dos espaços de fluxos. (CASTELLS, 1999).

Sendo assim, o surgimento de uma cultura humana imbricada pelos processos tecnológicos é parte desse processo de formação das redes sociais que condicionam, modificam e projetam modos, gostos, costumes e formas estéticas. Nesse limiar, vimos surgir uma cultura juvenil amplamente crivada por processos e experiências ligadas aos diversos produtos e ferramentas tecnológicas. São corpos juvenis, que se aglomeram em teias sociais de pertencimento virtual, extensões singulares de (homens) ciborgues, cujo significado da palavra que dizer um suposto corpo humano, onde são adaptados vários dispositivos mecânicos ou técnicos que de alguma forma cumprem com as funções fisiológicas e vitais. Desse modo, tais corpos juvenis são detentores de uma linguagem própria, partilham símbolos que fogem das lógicas morais condicionadas em sociedade.

Nessa perspectiva, no decorrer desse trabalho, propomos algumas reflexões sobre a produção estética no estrato social da vida cotidiana dos jovens contemporâneos em contato com a cultura tecnológica. Pretende-se analisar quais são as influências sofridas pelos jovens durante suas experiências ordinárias a partir das redes sociais de relacionamento, quais são as condutas sociais e estéticas que dão forma aos estilos tão singulares que se mostram híbridos nesse biótipo de cultura. Desse modo, o trabalho enfoca duas idéias centrais:

- 1) Através da filosofia de Foucault (1994, 2000) discutimos o conceito de *estilo de vida*, fazendo uma relação com os diversos modos socioculturais juvenis que podem ser observados na cultura digital. Interessa-nos refletir sobre

os processos de descontinuidade, imprevisibilidade e inversão de tempo e lugares de interação agenciados pelos corpos tribais juvenis, articulando tais reflexões como campo teórico produzido por André Lemos a respeito da formação das cibercidades e cultura tecnológica.

2) Analisamos como tais estilos de vida agenciados pela cultura tecnológica influenciam a formação sociocultural das novas gerações, quais são os sentidos, símbolos e processo de negociação, tensão e alteridade utilizado pelos grupos sociais formados na cultura contemporânea.

Portanto, apresentamos as considerações finais ressaltando a importância das questões ligadas à compreensão dos estilos de vida na cultura juvenil contemporânea, sinalizando algumas influências dessas relações nos modos e gerenciamentos culturais, resultado do contato entre homem e as tecnologias da informação e da comunicação. Por fim, destacamos a relevância de tais provocações para campo de pesquisas em ciências humana e sociais na premissa de compreendermos tais processos menores que nos fazem ampliar o olhar sobre temáticas menores, todavia, urgentes como os estilos e/ou modos de vida, partilha, agenciamentos, tensões e alteridades praticados pelos corpos tribais juvenis na sociedade da informação.

## **2 ESTILOS DE VIDA E CULTURA TECNOLÓGICA**

A noção de estilos de vida está diretamente ligada às experiências que se formam entre os grupos coletivos mediante as interações ocorridas entre os indivíduos e/ou fenômenos socioculturais que fazem parte do seu cotidiano. Sendo assim, os estilos dizem muito sobre os micros espaços de estratificação da sociedade, aonde vão sendo agenciados os símbolos individuais e coletivos, os modos de ser e agir enquanto sujeito pertencente a um determinado grupo social, o que nos leva a considerar que a concepção de modos de vida, agenciamentos, os padrões de consumo e o *habitus* são feixes estéticos de uma composição estilística cotidiana da cultura, na qual o sujeito se encontra inserido. Sendo assim, o estilo de vida torna-se um traço, uma marca que contempla uma determinada agregação societal num determinado momento, ação, circunstância. Porém, nesse limiar contemporâneo, onde os estilos de vida urbanos sofrem alterações constantes, quer seja pelas mudanças ocorridas ao longo da história com o aparecimento das tecnologias e

conseqüentemente as transformações sociais na vida urbana fazendo surgir o que Foucault denomina por *Dandismo*. Note-se:

O dandismo é um fenômeno próprio do século XIX, ligado as transformações da vida urbana. As mudanças nas cidades possibilitaram o surgimento de auto estilizações. (...) A cidade moderna pode fazer os indivíduos voltarem-se para fora, não para dentro; mais que a totalidade, a cidade pode dar-lhes experiências de alteridade. O poder da cidade de orientar os indivíduos desta forma baseia-se em sua diversidade; na presença da diferença o indivíduo tem pelo menos a possibilidade de sair de si. (ORTEGA, 1999, p. 100).

Nesse ínterim, as aproximações sociais, “as amizades” que são criadas a partir do contato entre os indivíduos compõem um lugar de destaque na dinâmica que organiza os feixes estilísticos da cultura urbana contemporânea. É notório que o aumento das redes de interação sociais, desenvolvidas pelos atores sociais por meio de veículos virtuais, faz surgir novos arranjos estilísticos dos grupos sociais cada vez mais diferentes, os modos como são “gerados” os movimentos de aproximações e distanciamentos na experiência vivida hoje tem conotações específicas, quais sejam: os grupos de interatuações socioculturais são formados, reconstruídos e desconstruídos numa velocidade que segue a lógica dos fluxos informações, a dinâmica de agregação social se forma através de um tecido liquido, quase sempre demarcado pela dispersão, evaporação e intensidade.

Nessa perspectiva, podemos destacar o surgimento de grandes instâncias de autoprodução de práticas coletivas humanas, aglomerados pelos centros urbanos de interação social que se formam nas infovias da internet. Nessa perspectiva, a formação de *cibercidades* é um fenômeno profundamente construído, também, através da cultura juvenil contemporânea: como um traço estético dos jovens que muito se parece com as lógicas de organização e comportamento das colônias de formigas. A cultura estética urbana se propaga nos complexos rearranjos coletivos, grandes agrupamentos fluidos que se comunicam através da movimentação dos elétrons, cuja intensidade pulsa uma subjetividade que foge as regras e padrões estabelecidos. Os arranjos sociais apontam para um autogerenciamento das condutas humanas nesses espaços de interação multidimensionais onde sobressaltam os olhos pequenos movimentos periféricos que traduzem vida pulsante, sendo relevante destacar que “...as colônias estudadas por Gordon mostram um dos mais impressionantes comportamentos descentralizados da natureza:

inteligência, personalidade e aprendizado emergem de baixo para cima, bottom-up. (JOHNSON, 2003; p. 23).

Além disso, as novas planícies territoriais são arquitetadas em modos virtuais de virtualização das cidades urbanas, lugar estaticamente recoberto por instrumentos tecnológicos, multifacetado por jogos de imagens, signos de textos verbalizados e escritos que são partilhados cotidianamente na convulsão de desejos e experiências estilísticas ordenadas pela concentração e fluidez e dispersão de grandes, verdadeiros aglomerações gigantescas. As cibercidades são espaços virtualmente acometidos por fluxos de informação e trocas comunicacionais, são verdadeiros circuitos eletrônicos de significações e estilos culturais. Cidade e circuitos eletrônicos mantêm assim uma analogia que vai além da mera metáfora: ambas fazem circular (transporte) informação pelos mapeamentos de objetos e instrumentos provocando situações de comunicação. (LEMOS, 2003).

Desse modo, os grupos sociais de jovens são a maior parte dos usuários das tecnologias interativas digitais, especialmente aquelas diretamente ligadas à internet. Dentre as várias atividades que esses corpos jovens realizam na esfera virtual, podemos destacar algumas categorias, as quais no conta Stern e Willis (2009), a primeira delas é utilização da internet como **ferramenta de comunicação**. Os jovens se utilizam de algumas redes de comunicação, quais sejam: Orkut, Msn, Blog, Twitter, My Espace, comunidades virtuais em busca de uma comunicação direta do tipo online. A segunda é a **busca por informações** através dos sites de entretenimento, sites educativos especializados, sites de compras, visita a sites sobre cinema, bandas preferidas, eventos esportivos, utilização de jogos de entretenimento e revistas especializadas e a terceira categoria diz respeito à **criação de conteúdos**, os jovens utilizam a internet como veículo para publicação dos seus trabalhos de criação. Nesse sentido, meninas e meninos utilizam páginas pessoais na internet como é o caso dos blogs ou weblogs como uma vitrine de parte da pessoal aberta à interlocuções, geralmente compostas por fotos, vídeos, textos.

## CONDIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, destacamos que o impulso juvenil com relação aos meios de informação e de comunicação faz desse grupo não somente meros usuários das ferramentas. As mudanças ocorridas nos processo culturais, mais precisamente com relação ao tratamento e

utilização das ferramentas tecnológicas tiveram nas experiências com os jovens das últimas décadas um redimensionamento sobre os modos de acesso das tecnologias. Basta lembrar, que um dos motivos que contribuiu para descentralização e democratização das tecnologias da informação e da comunicação como meio experimental que deu origem ao modelo social da mídia que temos hoje. As ambições dos jovens participantes dos movimentos reivindicativos “(...) incluíam uma reação multidimensional á autoridade arbitrária, uma revolta contra as injustiças e a procura de experimentação pessoal”. (CARDOSO, 2007; p. 42). Portanto, podemos dizer que esse espaço de formação e expressão cultural vem sendo utilizado de forma maciça pelos jovens contemporâneos. A exaltação da estética da imagem e do corpo invade os veículos de interação virtual. O jogo da visibilidade do eu é impulsionando pelo desenvolvimento da publicidade e dos meios de comunicação trazendo à tona disseminação de imagens e modelos estilísticos que são formatados pela política mercadológica que visa o consumo. Nesse caso, nos interessa perceber quais são as políticas tensivas criadas pelos sujeitos juvenis para burlar os grandes sistemas de organização mercadológica. Nesse contexto, a cultura juvenil baseada nos processos tecnológicos, tem provado que sua origem, fluida, fugidia, rebela-se contra os imperativos morais desses espaços de interações e cria suas próprias lógicas. Na formação das cibercidades os estilos de vida juvenis são como esponjas, cujos poros abrigam inúmeros canais e câmeras que permitem sua condição de vida nos fluxos de realimentação através dos nervos e fendas, constituídos de feixes de fibras vibráteis que permitem seu estado vital.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BARBERO**, J-M. La Ciudad Virtual. Transformationes de la sensibilidad y nuevos escenarios de comunicación., in Revista de la Universidad del Valle., n. 14, agosto de 1996, Cali., pp. 26-38.

**CARDOSO**, Gustavo. A mídia na Sociedade em rede: filtros, vitrines, noticias. Rio de janeiro: Ed. FGV, 2007.

**CASTELLS**, Manuel. A sociedade em rede. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

**JOHNSON**, Steven. Emergência: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

**LÉVY**, Pierre. Pela ciberdemocracia. In: MORAES, Denis (org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record. 2003.

**MORIN**, Edgar. Cultura de Massas no século XX: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

**ORTEGA**, Francisco. Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

**SIBILIA**, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

**STERN**, Susannah R; **WILLIS**, Taylor J. O que os adolescentes estão querendo online? In: MAZZARELLA, Sharon. R. [et. al]. Os Jovens e a Mídia: 20 questões. TRad. Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

**LEMOS**, André. Cibercidade: as cidades na cibercultura. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

**LEMOS**, André. Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

**LEMOS**, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

**ALMEIDA**, Luciano Mendes de. Os jovens como vão? São Paulo, Folha de São Paulo, 4 fev. 1995.

**BATISTA NETO**, Francisco. A geração dos anos 90: perfil do adolescente. /s.l./ Ed. Promover, 1990.

**RAMOS**, Maria Antonacci. Grafite, pichação & Cia. São Paulo: Annablume, 1994. (Selo Universidade: Arte, 20)